



VII ENLIJE

A FORMAÇÃO DE CRONISTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA A SER COMPARTILHADA COM OS COLEGAS PROFESSORES

Enilda Cabral Barreto Ramos

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Presidente “João Pessoa”

adlinebarreto@hotmail.com

Resumo: Formar o produtor de textos da sala de aula está no afã de todos os professores. As resistências são inúmeras devido a muitos fatores, incluindo neles a falta de prática estendida ao longo da vida escolar. O presente trabalho visa apresentar como se deu a produção escrita de crônicas numa turma do 8º ano do ensino fundamental a partir da leitura, escrita e reescrita orientada individualmente.

Palavras-chave: Leitura , produção escrita, reescrita orientada.

1-Introdução

Uma das muitas dificuldades enfrentadas por professores da rede pública de ensino, é a defasagem de grande parte dos alunos no que concerne à leitura. Em se tratando de testes externos, a exemplo do IDEPB (Índice de Educação da Paraíba) e do SOMA – Programa do Pacto pela educação da Paraíba- aplicados em 2017 pudemos constatar como foram notórias as deficiências da maioria dos alunos dos anos finais do ensino fundamental II em relação à leitura, compreensão e interpretação de textos.

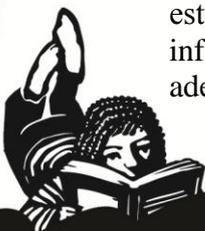
Ora, muito nos admira porque nesse grau de escolarização era de se esperar resultados bem mais satisfatórios do que àqueles apresentados, uma vez que a leitura faz parte (ou deveria fazer) da vida dos estudantes desde os anos iniciais na escola. Todavia, a realidade não é bem essa quando adentramos nas nossas salas de aulas: a leitura ainda encontra resistência para ser vivenciada nas escolas, ao professor resta-lhe descobrir qual (quais) estratégia (s) utilizar para convencer seus alunos a lerem mais para escreverem melhor.

Para a deficiência na leitura, diversos fatores possivelmente poderão ter contribuído no que se refere à sua prática: a não eficácia nas séries anteriores; o privilégio dado apenas ao ensino gramatical da língua, prática essa tão comum na grande maioria das escolas; ou, ainda, por questões de cunho cultural referentes aos hábitos de leitura dos envolvidos na prática escolar. Todos esses fatores somados acabam por comprometer todo percurso escolar dos alunos com reflexos diretos nos testes acima mencionados.

Temos também de considerar que a exploração dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente tem um trato muito fragmentado em muitas escolas. É possível, infelizmente, o aluno ler, por exemplo, uma crônica e sua abordagem se dar apenas no plano da superficialidade, sem adentrar nas marcas do gênero, do tema e do estilo do cronista, sem sequer chegar a ser realizada uma pequena produção escrita.

Por outro lado, as perguntas de interpretação textual limitam-se ao óbvio, nas quais os estudantes têm apenas o “trabalho” de encontrar respostas explícitas (Descriptor 06- Localizar informação explícita em um texto), fato que não permite à turma sair do nível básico para o adequado ou, quiçá, o avançado.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Bem sabemos que a Literatura não nasce conosco, de alguma forma tomamos contato com ela por meio da escuta de uma história, conto, poesia, crônica etc. Trata-se de uma descoberta fantástica, pois uma vez leitor, sempre leitor, não havendo assim ex-leitores de literatura... Nossa “entrada” no mundo literário é passaporte certo para continuarmos nele, nos tornando alvo do poder subversivo que ela (a literatura) encerra. Depois de conhecê-la dificilmente ficamos sem ela...

Também sabemos que não nascemos gostando de assistir a jornais televisivos, ou mesmo “navegar na internet” à procura de notícias. Elas acontecem independentes do nosso gosto e oferta social. Estamos sim fazendo parte delas, tenhamos consciência disso ou não.

Juntar a realidade das notícias com a ficção da literatura é bem o papel do gênero crônica, nos dias atuais, já que esse gênero “tem um pé na realidade e outro na ficção”, sem falar que está bem presente nos jornais, nos programas de rádio, nos livros didáticos e por que não dizer, nos últimos testes externos – IDEPB e SOMA- a crônica tem seu lugar garantido, precisando pois de um trabalho específico docente visando a apropriação da mesma por parte dos estudantes.

Cabe ainda ressaltar que, por se configurar como um texto relativamente curto e leve, com linguagem simples e direta, próxima do leitor, é escrito com o objetivo de diverti-lo e/ou levá-lo a reflexão crítica ou filosófica sobre a vida e os comportamentos humanos, apresenta a visão pessoal do cronista sobre um fato colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano, deve ser trabalhada em sala de aula contemplando ao menos os dois eixos: leitura e produção escrita.

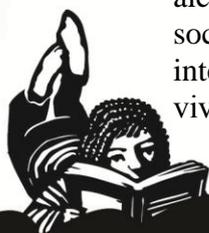
Quanto ao primeiro, é possível ao professor explorar a leitura tendo como foco as estratégias localizar informações explícitas e implícitas, substituir palavras por outras de sentido equivalente, inferir sentido de palavras e expressões, dentre outras. Isso porque são habilidades que interferem diretamente no domínio do gênero, não podendo assim ser relegadas a um segundo plano. Sem falar na oportunidade que o professor tem de discutir sobre muitos temas a exemplo de direitos humanos, violência, preconceitos variados a partir dos conteúdos de cada crônica. A formação cidadã se dá exatamente nesses espaços de discussão e o professor não deve abrir mão desse momento, já que é na escola que se forma cidadãos para a vida.

Quanto à produção escrita, esta deve sempre está presente nas aulas de Língua Portuguesa, de modo especial após o primeiro contato dos estudantes com o gênero estudado para que, por meio de uma primeira produção, o professor tenha pistas do que seus alunos já sabem sobre o gênero e, a partir de então, organizar suas atividades de contínuo do estudo. Para esse fim, a noção da aplicação de uma sequência didática é primordial, pois, por meio dela, o professor organiza suas atividades em torno do gênero selecionado – crônica – dividindo as atividades por etapas de complexidade, facilitando assim a aprendizagem real dos estudantes.

O presente trabalho teve com foco os alunos do 8º ano, por acreditarmos na formação contínua e preparatória deles para as avaliações vindouras. Defendemos a tese de que a escola deve sempre está pronta para trabalhar as dificuldades da sua clientela em todos os níveis de ensino. É preparando-a desde cedo, diariamente que, de fato, sentimos o valor ético da nossa profissão e, conseqüentemente incentivamos o protagonismo juvenil e, porque não dizer, a formação de cronistas na nossa escola.

Assim, tomando como base os resultados insuficientes dos estudantes, partimos do princípio de que “é fundamental que a escola busque conhecimento e soluções, a fim de alcançar a formação plena de seus leitores, aliás, de leitores competentes para a vida em sociedade (PARAIBA, 2014, p.51). Acreditávamos numa melhoria significativa nos testes internos e externos dos nossos alunos, bem como na produção escrita de crônicas após a vivência do nosso projeto intitulado “A Minha Primeira Crônica”.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Achamos por bem nomear o projeto com esses dizeres por que possivelmente era de fato a primeira vez que eles produziam um texto com características de crônica. Diferentemente do escritor Fernando Sabino, o presente projeto não se efetivou num botequim, mas na Escola Estadual Presidente “João Pessoa”, em Umbuzeiro – PB, com o objetivo geral de formar cronistas na sala de aula. Especificamente pretendíamos estudar as especificidades do gênero crônica; ler e analisar crônicas do livro didático coletivamente; realizar a primeira produção da crônica; visitar a biblioteca escolar para leituras de crônicas; pesquisar outras crônicas e ler para os colegas durante as aulas; analisar a crônica produzida e suas possíveis falhas; reescrever a primeira produção (Produção final) e socializá-la para os convidados.

A fim de darmos conta dos referidos objetivos seguimos a seguinte metodologia:

2-Metodologia

O Projeto “Minha primeira crônica” foi aplicado durante o 1º, 2º e o 3º bimestres de 2018, tendo como sujeitos os 40 alunos do 8º ano da E.E.E.F.M Presidente “João Pessoa” da cidade de Umbuzeiro- PB.

O nosso projeto contemplou a aplicação de uma sequência didática (SD) para a leitura e produção escrita de crônicas, pautada nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com possíveis adaptações, caso se fizessem necessárias, considerando-se as particularidades da referida turma.

Num primeiro momento houve a apresentação da situação, na qual foram levantados os conhecimentos prévios dos alunos, apresentação histórica do gênero, função social e características composicionais, temáticas e estilísticas.

Esse momento foi marcado por rodas de conversas, anotação, leituras de crônicas do livro didático, primeira produção (diagnóstica), visita às bibliotecas (escolar e municipal). A partir de então foi dado início a três (03) módulos de atividades específicas, a saber:

1º Módulo: voltado para a leitura de textos representativos do gênero, análise das características temáticas, composicionais e estilísticas neles presentes;

2º Módulo: Nesse módulo foi realizada a leitura e análise de uma crônica de modo coletivo para que os alunos percebessem as marcas de autoria, os elementos da narrativa nela presentes e assim se preparassem para o momento da reescrita das suas produções. Houve também pesquisa e socialização de outras crônicas nas aulas de leituras, por meio de visitas à biblioteca, visando ampliar o conhecimento de mundo e o repertório linguístico dos alunos.

A produção inicial foi tomada como base para reflexão sobre as características da crônica e os aspectos da língua que não foram levados em conta, ou que estivessem falhos. Para tanto foi necessária a realização de oficinas, voltadas para aspectos específicos da língua em uso.

3º Módulo: foram tratadas as falhas verificadas na produção inicial. De modo que tal produção foi entregue aos alunos, acompanhada de bilhetes orientadores para a reescrita, a qual foi considerada a produção final da crônica, exemplar do gênero estudado. Posteriormente, em dia marcado, as produções foram lidas por seus produtores para o público convidado, composto pelos colegas de outras salas e professores da escola.

3-Resultados e Discussão

À primeira vista podemos afirmar que o trabalho com a produção de crônicas cumpriu seu objetivo maior que era o de formar cronistas na sala de aula. Para se chegar a tão sonhada





VII ENLIJE

meta foi preciso percorrer uma longa caminhada em torno do gênero, desde leituras, interpretações obedecendo aos descritores do IDEPB, debates e escrita, seguida de orientação e reescrita, além de socialização posterior a outro público, o qual não vivenciou dias a fio as atividades com a crônica, mas que pôde se deleitar ao ouvir sua leitura.

Quanto ao gênero, podemos afirmar que conviver com ele é, antes de tudo, conviver com temas do cotidiano. Trata-se de um gênero que, segundo Os Cadernos da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (2014), no Brasil, apresenta muitos tons: desprezioso, poético, filosófico e / ou divertido. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do nosso país, o que os diferencia dos cronistas de outros países, sendo esses mais objetivos e sintéticos

A crônica, muitas vezes, confundida com o conto e por passear pelo gênero jornalístico, é um gênero que se caracteriza por ser relativamente estável e, por isso, torna-se importante trabalhar sua delimitação fornecendo, sob o ponto de vista de estudiosos e cronistas, sua forma composicional, seu estilo e suas características linguísticas para que o aluno tenha subsídios para identificar claramente esse gênero textual (DOLZ e SCHENEUWLY, 2004). Essa característica da crônica ocorre porque de acordo com Marcuschi (2002, p.19) os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”.

Como características podemos citar: texto curto, de linguagem simples, o que o torna ainda mais próximo de todo tipo de leitor e de praticamente todas as faixas etárias. Podemos encontrar também a sátira, a ironia, o uso da linguagem coloquial demonstrada na fala das personagens comuns, a exposição dos sentimentos e a reflexão sobre o que se passa estão presentes nas crônicas.

Podemos ainda afirmar que as crônicas misturam o jornalismo e a literatura, de um recebe a observação atenta da realidade cotidiana e do outro, a construção da linguagem, o jogo verbal. Nelas o cotidiano é relatado de modo conciso e por serem publicadas em jornais, elas têm existência breve.

Dentre alguns cronistas (veteranos e mais recentes) podemos citar: Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Ernesto Baggio, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Moacyr Scliar, Pedro Bial, Arnaldo Jabor.

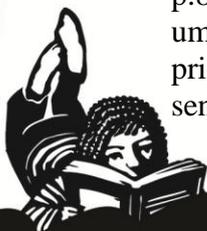
Quanto aos tipos, podemos classificá-las como humorística, na qual o autor faz graça dos acontecimentos cotidianos; filosófica, onde o cronista faz reflexões a partir de eventos ou fatos; lírica, em que o escritor relata os fatos com sentimentalismo e nostalgia; jornalística, apresentando aspectos particulares de fatos ou notícias de qualquer cunha e, por fim a crônica-ensaio, na qual o cronista tece críticas sobre as relações sociais e de poder, de forma irônica.

Com relação ao nosso trabalho, inicialmente os alunos leram e analisaram crônicas do livro didático, bem como de outros livros após as visitas nas bibliotecas. Uma experiência que deu certo foi deixá-los livres para suas escolhas temáticas, pois nesses momentos o professor captou as preferências da moçada. A crônica “Cobrança”, por exemplo, de Moacyr Scliar foi lida pelos alunos e escolhida como uma das mais engraçadas porque a temática os aproximou. Segundo a maioria deles o ato de receber cobranças fazia parte da vida dos seus pais. A partir de constatações como essa foi possível deixar suficientemente claro para toda turma dessa característica da crônica: a presença de fatos do cotidiano.

Assim, as produções deles seguiram essa característica. Inicialmente foi dado o comando de produção tendo como apoio o livro didático usado por eles (BORGATTO, 2015, p.85-86), no qual o desafio era produzir uma crônica inspirada em duas fotos presentes em uma revista semanal as quais registravam uma situação cotidiana. Como descrição breve a primeira tratava-se de três idosas sentadas em uma carroça a lerem e, a segunda, de uma jovem sentada num muro de uma rua, próxima a um esqueite. Os títulos dados variaram conforme a

(83) 3322-3222
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

escolha das fotos. Houve alguns mais diretos, isto é, com conteúdo diretamente ligado à parte visual (“As senhoras da leitura”, “Passeio de skate”, “Amigas inseparáveis”, “A menina e o skate”, entre outros), outros mais expressivos (“Um sonho conquistado”, “A decepção”, “Angústia”, “Uma grande tempestade de inverno”) os quais requerem mais reflexão do leitor para se apostar na possível escolha da foto.

É recomendação conhecida dos PCN (1998) de que toda atividade com a linguagem na sala de aula sempre parta do texto. Por meio dessa recomendação há de se considerar que em cada esfera da atividade humana, em cada participação social os usuários da língua se valem dos gêneros discursivos para situarem suas intenções comunicativas, conforme seus interlocutores em determinados contextos (BAKHTIN, 2000).

Tenhamos ou não consciência disso, nossos dizeres são organizados em gêneros de modo que se quisermos ler ou produzir um texto com o intuito de levar o leitor à reflexão, ao divertimento ou mesmo provocar-lhe o riso, por exemplo, podemos utilizar a crônica. De um modo geral, os gêneros atualmente são praticamente incontáveis, pois cada esfera da atividade humana tem seus moldes, suas formas textuais específicas de representação. Segundo Marcuschi (2002) eles são relativamente estáveis, sofrem alterações ou mesmo podem desaparecer o decorrer do tempo.

Levando-se em conta as crônicas atuais, como já tratamos, elas trazem características mais presentes do cotidiano, com linguagem bem mais simples, se comparadas às dos cronistas da época de 1500. As exigências sociais e o próprio tempo respondem pela mudança nos temas, estilo e composição das crônicas.

Por isso, a respeito dos gêneros, Bakhtin (op.cit, p. 279) os trata como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, com seus respectivos conteúdos temáticos, estilos e formas composicionais. Seu domínio pode contribuir para o empoderamento dos aprendizes, para sua maior autonomia ou, em outras palavras, garante o protagonismo desses jovens.

Acreditamos que está no desejo de todas as escolas e, especificamente, dos professores de Português, que seus alunos tenham esse domínio em amplitude. De modo que leiam, reconheçam e produzam textos nos gêneros de circulação social. Os PCN (1998) deixam claro que é dever da escola o trabalho da linguagem a partir do texto e que sua produção seja concebida não como produto e sim como processo. Há, nessa visão, espaço garantido para a interação e construção de sentidos.

Nesse sentido, as produções dos alunos puderam responder pela necessidade que todo texto tem de uma releitura, orientação e reescrita programada antes da produção a ser oficialmente socializada com os colegas. Seguem dois exemplos (1 e 2) abaixo para comprovação do processo de escrita ocorrido com as crônicas:

Exemplo 01: A menina que sofria

Em uma tarde fria enquanto eu estava na escola a diretora me chamou para ir até a sala dela. Eu logo de cara percebi que havia algo estranho.

Eu entrei, me sentei e descobri que meu pai tinha matado a minha mãe, ele não foi preso meu pai era muito agressivo, ele batia em mim e na minha mãe por conta da bebida. Eu e minha mãe pensávamos em fugir, mais agente tinha medo, eu era muito pequena e não podia fazer nada.

Quando eu ia dormir, era como se eu tivesse ido para outro mundo, lá as pessoas eram boas, lá no outro mundo não tinha nenhum mal, eu e minha mãe era muito felizes lá, nós passeava tranquilamente, sem ter ninguém para atormentar nossas vidas. Quando eu acordava, vinha aquela tristeza!

Nove anos se passaram eu já tinha 16 anos de idade tinha acabado meus estudos e conseguir um trabalho. Com o dinheiro eu comprei um skate, e todas as noites eu sai para andar nele a fim de esfriar a cabeça.

Mas chegou um dia em que eu não estava agüentando mais, fui resolver fugir de casa peguei meu skate, algumas roupas e algumas fotos da minha mãe.





VII ENLIJE

parti. Chegando em outra cidade fui atrás de um emprego e consegui. depois de um tempo arrumei namorar, e nos casamos, tivemos filhos e nunca mais sofri.(Gabrielly, 8º ano).

A partir da leitura acima se percebe que a autora usou uma linguagem leve, ao gosto da crônica, e conseguiu deixar evidente sua intenção de emocionar o leitor por meio da apresentação de um enredo com um fato corriqueiro: uma jovem sair de casa após a perda da mãe, tendo como acusado o próprio pai. Fato cada vez mais comum na sociedade atual, nos noticiários de jornais, nos programas televisivos policiais. Assim, podemos afirmar que a produção da aluna traz as marcas da crônica por meio dos elementos da narrativa nela estarem presentes (personagens, tempo, espaço, narrador e enredo).

Em se tratando desses elementos percebemos que os personagens – pai, mãe e filha – não apareceram nomeados, todavia é possível o leitor encontrá-los ou mesmo nomeá-los dentro do seu entorno social; o tempo ficou definido a “uma tarde fria”; o espaço escolhido foi a escola da personagem (filha), escolhida como foco narrativo (1ª pessoa) na qualidade de narrador personagem.

Os momentos da narrativa também seguiram a ordem da crônica, ou seja, a situação inicial, marcada pelo anúncio da diretora sobre a morte da mãe da personagem principal; o conflito existente deu-se a partir da decisão da personagem de sair de casa; o clímax e desfecho, deixados para o final quando o leitor é informado do destino feliz e realizado da personagem, ou seja, namorar, casar, ter filhos e não sofrer mais. A personagem deixa para o leitor a certeza da não continuidade do sofrimento de sua mãe.

Vale ressaltar que apesar dos elementos apresentados até então, não podemos conceber a ideia de texto pronto, acabado. Mesmo estando visivelmente “pronto”, o texto é passível de inúmeras reformulações. A reescrita deve ser um momento privilegiado em todas as produções. Para Simões (2012, p. 174), “Escrever é reescrever (...). É fundamental incorporar essa rotina na sala de aula, pois ela ensinará algo que é inerente a escrever”. É ela que vai garantir o processo de idas e vindas via texto e, conseqüentemente, a aprendizagem significativa por meio do domínio do gênero estudado.

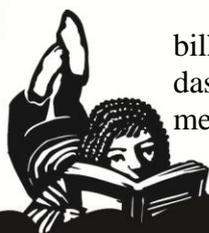
Ainda na fase da correção o professor poderá fazer uso de estratégias visando “dialogar” com o aluno para possíveis sugestões de aprimoramento textual. Em muitos casos o bilhete orientador funciona como uma dessas estratégias. Por meio dele o professor corrige os textos e interage simultaneamente com seu produtor. A devolutiva do aluno será sempre uma resposta a esse bilhete.

Ruiz (2001) nomeia três tipos mais usuais de correção usando o bilhete orientador: indicativa, que ocorre pela marcação dos problemas no texto; a resolutiva, na qual o professor “conserta” as partes ou palavras com falhas; e a classificatória na qual o professor usa símbolos ou abreviações para cada tipo de problema ou falha.

Garantir o ensino dos gêneros nessa perspectiva é também conceber a língua como interação, a qual dialoga com seus usuários, não podendo jamais está despregada deles, variante conforme as situações de uso (interlocutor contexto de produção, propósito comunicativo, entre outros).

Nossa intenção nesse trabalho foi observar a língua “como um conjunto aberto e múltiplo de práticas sociointeracionais, orais ou escritas, desenvolvida por sujeitos historicamente situados” (FARACO, 2003, p. 5). Resta, pois a escola não sonegar esse tipo de ensino aos alunos, pois somente assim o ensino dos gêneros terá seu tratamento adequado e justo.

O exemplo 02 trata-se da reescrita da crônica até aqui analisada, todavia apesar dos bilhetes enviados à produtora nos moldes de Ruiz (op.cit), das orientações individualizadas e das oficinas realizadas na sala de aula, na referida produção ainda aparece trechos passíveis de melhoramentos. Há também de se considerar que a aluna apresentou interesse em responder





VII ENLIJE

às questões feitas pela professora a partir do título (sem complemento na 1ª produção, completamente alterado na 2ª), como podemos observar:

Exemplo 02 Infância sofrida

Em uma tarde fria enquanto eu estava na escola, a diretora me chamou para ir até a sala dela. Eu logo de cara percebi que havia algo estranho. E de fato havia.

Eu entrei, me sentei e descobri que meu pai havia matado a minha mãe. Ele não foi preso e isso ainda hoje me revolta. Meu pai era muito agressivo, batia em mim e na minha mãe por conta da bebida. Eu e minha mãe pensávamos em fugir, mas tínhamos medo, eu era muito pequena e não podia fazer nada.

Quando ainda vivíamos todos em casa e anoitecia eu ia dormir, era como se eu tivesse ido para outro mundo e lá as pessoas eram boas, lá no outro mundo não havia nenhum mal, Lá, eu e minha mãe éramos muito felizes, nós passeávamos tranquilamente, sem ter ninguém para atormentar nossas vidas. Quando eu acordava, vinha aquela tristeza!

Nove anos se passaram de muito sofrimento, eu já tinha 16 anos de idade, havia acabado meus estudos e conseguido um trabalho de atendente numa pequena ótica recém aberta na minha cidade. Com o dinheiro que recebi ao final de cada mês, eu comprei um skate, e todas as noites eu saía para andar nele a fim de esfriar a cabeça.

Mas chegou um dia em que eu não estava aguentando meu pai e resolvi fugir de casa: peguei meu skate, algumas roupas e algumas fotos da minha mãe e parti. Foi então que a diretora me pediu para ir à sala dela e me deu a pior notícia da minha vida. Fui embora e chegando a outra cidade fui atrás de um emprego e consegui. Depois de um tempo, arrumei namorar e nos casamos, tivemos filhos e nunca mais sofri. (Gabrielly, 8º ano).

A reescrita comprovou a aprendizagem significativa da produtora, através dela pudemos observar o grau de letramento elevar-se por meio de construções mais concisas e completas. O verbo “ter”, substituído pelo “haver”, dando à produção proximidade com a norma culta. Houve ainda coerência com relação aos acontecimentos narrados; a produtora entendeu as orientações da professora no sentido de organizar o tempo de sua narrativa (tempo em que estudava, morte da mãe, saída de casa e sucesso pessoal) e assim garantir uma melhor compreensão dos leitores.

As oficinas realizadas para estudo da pontuação também surtiram efeito, é perceptível que no exemplo 02 a produtora fez alterações (usos da vírgula, ponto final e uso de maiúsculas). Ademais, podemos perceber que ela apresentou novos dados à produção, buscando dar mais sentido àquilo que ora narrava, a exemplo da citação do seu ofício na ótica e a determinação de lugar (“*havia acabado meus estudos e conseguido um trabalho de atendente numa pequena ótica recém aberta na minha cidade*”), bem como a atitude de deixar clara o destino dado ao dinheiro recebido no referido emprego, dando coerência à escolha da foto como fonte inspiradora para a criação de sua crônica (“*Com o dinheiro que recebi ao final de cada mês, eu comprei um skate, e todas as noites eu saía para andar nele a fim de esfriar a cabeça*”).

A sequência didática para estudo dos gêneros discursivos, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação.” Por meio dela a professor teve a oportunidade de organizar etapa por etapa, conforme os objetivos que pretendia alcançar para a aprendizagem. Para os estudiosos acima é durante a vivência de cada uma das etapas da sequência didática que o professor, num processo de idas e vindas, pode utilizar a avaliação formativa e ao término, a somativa, totalizando dessa forma os ganhos em termos de aprendizagem, conforme pudemos acompanhar com a produção analisada. A leitura entrou como uma associada no processo da produção escrita do gênero, pois se fez necessária a





VII ENLIJE

“alimentação temática”, bem como o letramento dos alunos, adquirido pelo contato com os livros, além de outras fontes.

Nesse sentido os descritores do IDEPB que contemplam as estratégias de leitura da matriz de referência para o 9º ano estiveram presentes nas atividades propostas para sala de aula e serviram de norte para que fossem analisados o desempenho dos alunos.

4-Considerações finais

Somente tem o que escrever quem lê de modo diverso, gêneros diversos que circulam na sociedade em geral. Houve formação de cronistas na sala de aula porque desde o início do projeto foi levado em conta a leitura como parte inicial para estudo da crônica, acompanhada de estudo dirigido, com a presença de questionamentos dentro das exigências dos descritores do IDEPB (2014) para a prática da leitura, bem como o texto foi tomado como processo de estudo, de escrita e reescrita.

A escolha dos títulos pertinentes à temática pode ser interpretada pela prática de leitura constante dos alunos, pelos debates em sala de aula e mesmo pelo conhecimento de mundo deles com a temática do cotidiano. Eles souberam analisar as fotos e criar para elas o recorte do instante, particularizando-o.

Como recomendação aos colegas professores, podemos afirmar que a experiência docente foi capaz de elucidar o valor de se trabalhar o texto na sala de aula a partir de projetos envolvendo a sequência didática, pois o material da crônica foi gerado durante as aulas, nas visitas às bibliotecas e no debate ininterrupto do professor com os alunos via bilhetes orientadores ou mesmo na conversa diária com o coletivo. Urge a todo professor de língua permitir esse espaço de trocas nas suas aulas, pois certamente a formação de reais produtores de crônicas, ou de qualquer outro gênero discursivo tende a se concretizar.

5-Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha e MARCHESI, Vera. Projeto Teláris: Português: ensino fundamental. São Paulo: Ática, 2015.

Brasil. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC / SEF, 1998.

CAMPOS, Maria Tereza Arruda (Coord.) (et.al). **Português Vozes do Mundo**: Literatura, língua e produção de textos. São Paulo: Saraiva, 2013.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Theresa Cochar. Português: **Linguagens**. Volume único. São Paulo: Atual, 2003.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ Michèle e SCHNEWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola** / tradução e organização de Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-198.

(85) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura: ensino médio, volume único.** Livro do professor. Curitiba: Editora Base, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A, P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M.A (orgs). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA – Escrevendo o Futuro. **A Ocasão faz o escritor:** Cadernos do Professor. Orientação para a produção de texto .São Paulo: SP, 2014.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação da Paraíba. AVALIANDO IDEPB – 2016/ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd.v. 1 (jan./dez. 2016), Juiz de Fora, 2016 – Anual. Conteúdo: Revista do Professor - Língua Portuguesa;

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação da Paraíba. AVALIANDO IDEPB – 2014/ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 1 (jan./dez. 2014), Juiz de Fora, 2014 – Anual. Conteúdo: Revista Pedagógica - Língua Portuguesa - 3ª série do Ensino Médio;

RUIZ, Eliana. **Como se corrige redação na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SIMÕES, Luciene Juliano. **Leitura e autoria:** planejamento em língua portuguesa e literatura; colaboração de Ana Mariza Filipouski, Diana Marchi e Joyce Welter Ramos. Erechim: Edelbra, 2012.

